

DESCARTES E AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

1. INTRODUÇÃO

Se o fundamento do saber é o “cogito”, isto é, a ideia clara e distinta de que pensamos e existimos, seria tudo o que existe então uma produção da mente do sujeito? Seria tudo uma realidade subjetiva? E mais: existem outras ideias claras e distintas como a do “cogito”?

2. O QUE SÃO IDEIAS EM DESCARTES

Ideias claras e distintas: não abrem espaço para dúvidas, são evidentes. Como $2+3 = 5$ e como o fato de que penso e existo. Mas como chegar a provar a existência de outro ente diferente de mim? Partindo do próprio “cogito”, da própria razão, que já se mostrou clara, evidente e, principalmente, segura. Na Terceira Meditação, Descartes revela que existem diferenças entre a natureza das ideias. Existem três tipos de ideias:

- ideias inatas: que parecem já ter nascido comigo
- ideias adventícias: que parecem vir de fora de mim (o calor ao aproximar-se do fogo, por exemplo)
- ideias factícias: ideias feitas e inventadas por mim mesmo (uma cavalo alado, uma sereia, etc)

Mas ao especificar esses três tipos de ideia, não estaria Descartes ainda afirmando que tudo é uma criação do sujeito?

Segundo Descartes, toda ideia é uma IDEIA DE ALGUMA COISA. As ideias possuem uma REALIDADE OBJETIVA na mente, isto é, uma relação entre o sujeito pensante e a realidade. O ser real é somente aquela realidade que existe tanto no pensamento quanto na realidade, como também, aquelas que mesmo existindo somente no pensamento, podem existir na realidade (como uma rosa no inverno, um filhote de cachorro, etc). Uma ideia que existe que existe só no pensamento, mas não pode existir na realidade, não são seres reais, apenas objetos do pensamento: como um cavalo alado, uma sereia, etc.

Seria Deus então uma mera ideia inventada pelo ser humano?

Segundo Descartes não, mas para explicar isso, ele tem que recorrer aos conceitos de ideias materialmente falsas e ideias materialmente verdadeiras. As ideias materialmente falsas são aquelas que nos enganam e nos empurram para causas que não são, como por exemplo, atribuir a dor a corpo, quando na verdade a dor é uma produção da mente. E existem as ideias materialmente verdadeiras, que são aquelas que podem representar entes que existem fora da mente humana, como os números ou Deus.

Logo, se descartes afirmou que toda ideia é ideia de alguma coisa que existe, então a ideia de Deus presente na mente do sujeito pensante deve remeter a uma realidade objetiva. Mas como chegar a ela?

3. AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

1 Prova a posteriori: o princípio da causalidade (3 Meditação)

Enquanto a escolástica partia dos efeitos mesmos em direção a ideia de uma causa, Descartes analisará apenas as ideias. Segundo ele, existem ideias com mais grau de realidade que outras. E o que diz se uma ideia é mais real que outra é seu grau de autonomia: por exemplo, a ideia de acidente sempre está dependente da ideia de substância finita para poder existir; já uma substância finita não depende de acidentes para existir, mas necessita de uma substância infinita para existir; enquanto uma substância infinita necessita apenas de si mesma para existir e não depende das demais. Logo, por ser a mais independente, é a mais real. E tal informação é conseguida a partir não dos fenômenos, como fez Santo Tomás de Aquino e Aristóteles, mas do próprio raciocínio do “cogito”.

A razão nos mostra um princípio de causalidade evidente: um ente pode ser produzido por uma causa que pode ter a mesma realidade do que o efeito (causa formal, um pai e um filho); ou pode ser produzido por um ente que tem mais realidade que o seu efeito (causa eminente, Deus). Mas o que tem menos realidade não pode produzir o que tem mais realidade. Logo, uma substância finita como o cogito não pode produzir uma ideia de Deus sem que esse Deus exista de fato.

Sendo assim, partindo da própria realidade evidente do cogito, Descartes descobre que só uma ideia tem mais realidade objetiva que o eu: a substância infinita, Deus. Se o cogito possui a ideia de infinito, é porque um ser infinito a colocou aí, porque como dizia a regra da causalidade: uma ideia com menos realidade não pode produzir o que tem mais realidade. O ser humano pode inventar em sua mente a ideia de uma sereia, pois uma sereia tem menos realidade que o ser humano. Mas o mesmo não ocorre com a ideia de Deus, de perfeição, etc.

Mas não seria a ideia de perfeição proveniente da negação? Isto é, a ideia de infinito pode vir da negação da finitude? Não seria então a ideia de infinito uma produção do finito? Para Descartes, não é a ideia do infinito que deriva do finito, e sim a ideia do finito que deriva do infinito. A incompreensibilidade da natureza de Deus é a prova de que a ideia de Deus é a prova de que a ideia de Deus é clara e distinta: a incompreensibilidade mostra a evidência da infinitude de Deus, que não pode ser inventada pelo eu. Com isso, está combatida a ideia de que Deus é só uma invenção da mente humana, uma ideia factícia e materialmente falsa.

2 Prova a posteriori: Deus é a causa de si mesmo, e é conhecido a partir a partir do único ente finito que conhece: o eu.

Diferente de Tomás de Aquino, que busca a causa de tudo, Descartes está preocupado com a causa do cogito. Primeiramente, a substância pensante não é autocausada, não é a origem de si mesma, porque o eu não tem todas as perfeições que tem a ideia de perfeição. O eu pode ser até eterno, mas isso não nos isenta de descobrir sua causa no presente. Que causa seria essa?

Segundo o princípio da causalidade, essa causa não pode ser menor que o efeito. O efeito é a substância pensante, o eu, que possui em si a ideia de Deus. Assim, a causa do eu deve ser uma substância pensante, mas que possua a ideia de todas as perfeições

divinas. Esta causa, ou existe por si, ou por outro. Se existe por outro, cairemos num regresso infinito, que é impossível no presente. Logo, esta causa deve existir por si. Ela é causa de si mesma (causa sui).

Diferenças entre Santo Tomás e Descartes

- Tomás: No mundo, todo ente deve ter uma causa
Descartes: O eu, na posse da ideia de Deus, deve ter uma causa

(Para Tomás, é impossível ter-se uma ideia de Deus)

- Tomás: Na busca de uma causa não se pode prosseguir ao infinito
Descartes: No tempo presente não se pode prosseguir ao infinito

(O regresso ao infinito, para Descartes, ao contrário de Tomás, é possível)

- Tomás: Portanto, existe uma causa primeira incausada
Descartes: Portanto, existe uma causa primeira causa de si mesma

(Para Tomás, a autocausalidade é impossível. Mas para Descartes, Deus é a causa de si mesmo, no sentido de ser a causa de todas as ideias de perfeição.)

3. Prova “a priori”: a ideia de Deus é inata (Quinta Meditação)

A ideia de Deus não pode ser adventícia porque ela não se apresenta involuntariamente à mente, mas exigiu uma escolha voluntária de atenção. Também não é uma ideia factícia devido ao princípio de causalidade. A ideia de Deus é inata porque na própria natureza do eu está a marca do criador. Nossa finitude só pode ser compreendida a partir da infinitude e das perfeições de Deus que não possuímos, mas que temos uma ideia. A base de todo o conhecer do cogito finito é a substância infinita, Deus. Podemos conhecer a Deus a partir da ideia inata que temos dele, e aqui Descartes discorda profundamente com a tradição escolástica que afirmava que Deus não pode ser conhecido através de uma ideia criada, uma vez que o infinito não pode ser criado pelo finito. Mas para Descartes, o finito pode conhecer o infinito justamente porque o infinito, Deus e base do conhecimento, já está contido como uma ideia inata no finito. Deus coloca as ideias de perfeições em nossa mente, para que possamos conhecê-lo enquanto ideia, e uma ideia clara e distinta. Esse conhecimento de Deus não implica nenhuma relação direta com a natureza divina nem tampouco alguma iluminação sobrenatural. A garantia das ideias claras e distintas foi encontrada em uma outra ideia clara e distinta, inscrita na natureza finita do eu.

CONCLUSÃO

A partir do pensamento de Descartes, o conhecimento humano fundamentado no cogito ganha uma base segura pois, fundamentado na ideia de Deus que garante todas as perfeições, as faculdades cognoscitivas não podem nos enganar, já que, nesse caso, o próprio Deus, que é o seu criador, seria responsável por tal engano. E Deus, sendo sumamente perfeito, não pode ser mentiroso. Logo, aquele Deus em cujo nome se tentava bloquear a expansão do novo pensamento científico, aparece agora como aquele que, garantindo a capacidade cognoscitiva de nossas faculdades, estimula tal empresa.